

Testemunhar Cristo hoje, uma geração nova é necessária

Witnessing Christ today, a new generation is needed

Testigos de Cristo hoy, una nueva generación que se necesita

Nestor Castro

[Edição original página 20]

Para melhor tratar este tema, devemos inverter a ordem em que os termos são apresentados. Os mais importantes são os dois últimos elementos de nosso tema: Cristo e Hoje. Talvez um dos grandes erros do presente e do passado, seja que nós temos nos lançado ao mundo, a "dar testemunho" sem ter suficientemente em conta com esse nosso "hoje" é. A urgência por apresentar nosso testemunho foi mais forte do que a nossa obrigação de conhecer profundamente em que tipo de "hoje" estamos morando. O principal problema não reside em sair às toltas e loucamente a "testemunhar"; o principal problema é perguntar-nos acerca do como do testemunho, de quando fazê-lo, de onde realizá-lo. Nosso hoje (tempo e espaço) deve condicionar e criticar o nosso testemunho. O mesmo pode-se dizer de Cristo como tema de nossa reflexão. Que é Cristo para nós? Que representa Cristo hoje para a sociedade? Que visão de Cristo tem os diferentes se-

tores com os quais entramos em contato: universitário, operários, desempregados, classe média, proletariado, etc? Nós mesmos, a que camada da sociedade pertencemos e que visão de Cristo essas camadas nos têm transmitido? Há tantos "Cristos" quanto indivíduos crentes; nenhum desses "Cristos" significam a totalidade do Cristo da Escritura, mas todos, de certa forma, são fiéis ao Cristo dos Evangelhos dado que cada um pega algo do Cristo vivente. Conseqüentemente, a pergunta "Quem é Cristo para nós hoje", deve ser prévia a qualquer inquérito sobre nosso testemunho. Porque é esse "Cristo" nosso o que vamos transmitir ao nosso "hoje".

Há uma outra razão para essa inversão dos termos de nosso tema. Do ponto de vista dos recursos humanos (ou seja, do ponto de vista dos envolvidos na tarefa de serem testemunhos hoje) o testemunho é a ligação entre Cristo e Hoje. Deus usa preferentemente homens e mulheres, crianças, jovens e adultos, para realizar o testemunho. Como ligação en-

tre Cristo e o nosso Hoje, a reflexão sobre o nosso testemunho tem que vir depois de nossa reflexão sobre Cristo e sobre o Hoje, porque só dessa forma saberemos que é o que temos que ligar, entre quem devemos ser veículos da palavra e da ação cristãs. Somos veículos para comunicar Cristo ao mundo. Estes dois pólos (Cristo e Mundo) têm prioridade em nossa reflexão.

À medida que fomos desenvolvendo nossa introdução, sem nos dar conta, descobrimos também a complexidade do tema. Mesmo afirmando que devemos falar primeiro do Mundo e de Cristo e só por último do testemunho, fomos empregando termos que traduzem o que pensamos acerca do que é o testemunho. Em outras palavras, o tema é muito rico e seus elementos pertencem a uma indivisível unidade. Cristo, Hoje e Teste-

[Edição original página 20/21]

munho são elementos inseparáveis, que se dão simultaneamente em nossa experiência. Temos falado de testemunho como “transmissão”, como “ligação” entre Cristo e o Mundo, temos identificado testemunho com a comunicação, com instrumentalização, temos associado nossa capacidade de testemunhar com sinônimos como “veículo”, “caminho”. Vamos refletir sobre eles separadamente só como forma de sistematizar nossas idéias. Isto não quer dizer (insisto) que na nossa prática Cristo, o Testemunho e Mundo possam ser separados um dos outros.

1 – HOJE

Um honesto e profundo conhecimento de nosso hoje é algo imprescindível ao nosso propósito de testemunhar Cristo.

(a) A contribuição única de cada geração

Os nossos jovens pertencem a uma geração única e muito especial, mas é uma de uma longa série de gerações que vão sucedendo. As novas gerações confrontam hoje a obrigação de reconhecer os condicionamentos que as gerações passadas impuseram sobre elas e ao mesmo tempo essas novas gerações têm a obrigação de construir um mundo próprio, que revele a unicidade e autenticidade que é característica de cada geração. Eles têm recebido uma herança em doutrinas, em ênfases de conduta, em padrões de vida, em formas de trabalho, e, seja por comodidade ou porque a estrutura adulta nas igrejas é mais poderosa e tem controle da situação, essa mocidade tem recebido essa herança com uma estranha mistura de gratidão e acriticismo. Gratidão não elimina a independência crítica, pelo contrário pressupõe uma sadia crítica e autocrítica. Se cada geração deve mostrar aquilo que é próprio de seu tempo, não é muito claro o que tem sido em nossas igrejas os aportes das últimas duas ou três gerações. Porque muitas coisas são feitas em nossas comunidades como eram feitas a 20 ou 30 anos atrás. A força da tradição tem tido mais poder do que a autenticidade característica de cada geração.

Não estamos dizendo que seja necessariamente negativo aceitar as heranças do passado, quando essa aceitação é o ponto final de uma reflexão acerca do que fazer, do que

crer, do que testemunhar, em cada geração. Quando cada geração tem a lucidez de receber algo, analisá-lo tal qual recebido tudo bem.

A impressão deste autor é que algumas gerações não viveram esse processo. Muitas gerações, em muitos lugares do mundo cristão, receberam as coisas do passado e retomaram-nas, continuando a pensar e a agir como seus avós nas Igrejas o faziam. Por tudo isso, é da maior importância e urgência pensar o que as novas gerações têm de único e o novo para oferecer ao mundo e à Igreja. Até que ponto o que os jovens fazem na Igreja e na sociedade não é repetir o que as velhas gerações esperam deles? Até que ponto o que os jovens fazem, pensam ou falam, não são mãos do que uma espécie de alto-falantes das gerações que os procederam? Tem havido lugar ou não em nossos grupos jovens um sadio filtro crítico que ajude a gente a aceitar conscientemente e também rejeitar conscientemente? Ninguém tem nascido no ar, cada um é um produto da história passada e presente. Reconhecer isto não é nos colocar no centro do problema. O nosso problema começa quando logo nos perguntamos: tá legal, mas eu posso – junto com os meus, junto aos de minha geração – mudar algo, modificar algo, aprofundar aquilo que nos chega do passado, limpar as impurezas e ambigüidades do meu presente e provocar uma situação de mudanças para a minha e as futuras gerações, de maneira que o mundo possa continuar seu ascenso para a plenitude

do Reino que Cristo finalmente dará à totalidade das gerações.

(b) A Bíblia e o mundo pecador

Nosso mundo hoje é muito mais do que nós. É importante olhar ao mundo que nos rodeia e fazer algumas afirmações à luz do que a Escritura diz acerca dele. Faremos duas afirmações desde o ponto de vista bíblico. A Bíblia diz que o mundo, a natureza e as pessoas vivem em pecado. Nosso hoje é um hoje pecador. Tudo quanto se passa ou existe no universo está corrompido pelo pecado.. Temos de admitir o realismo com que a Bíblia observa as relações humanas, às vinculações da sociedade com a natureza, ao uso que gerações de sempre deram ao poder que Deus concedera à humanidade sobre a natureza. No entanto, quando entramos em contato com a sociedade devemos lembrar que a linguagem eclesial já não é compreensível para os homens e as mulheres que convivem nela. Pecado é parte de uma terminologia intra-igreja, de um vocabulário “cristão” que necessita ser traduzido ao mundo. Falar em pecado pressupõe uma experiência religiosa, uma experiência cristã prévia. Aquele que mora na sociedade de hoje, e quem em geral não teve nem quer ter uma ex-

[Edição original página 22/23]

periência desse tipo, “pecado” é parte de uma linguagem que ninguém compreende e que muitas vezes só levanta sorrisos: “Estes cristãos ainda usando um vocabulário próprio das sociedades primitivas!” – Eu não ficaria surpreso se mesmo para alguns jovens em nossas comunidades eclesiais, a linguagem intra-igreja a-

inda hoje resulta um tanto incompreensível. Para testemunhar de Cristo ao mundo se faz necessário uma profunda modificação de nossa linguagem religiosa, uma tradução dessa linguagem para uma terminologia secular, mais compreensível ao homem e a mulher de hoje, à sociedade atual. Esse esforço de permanente “tradução” é fundamental para qualquer estratégia de evangelização, para todo planejamento de nosso testemunho, esforço necessário pelo menos a cada geração e que deve ser adaptado a cada lugar onde os crentes desenvolvem o seu testemunho.

Conseqüente com essa necessidade de tradução assumo o risco de propor trabalhar com a idéia de pecado como “rebelião contra irmão”. Claro que na Igreja todos sabemos que pecado é muito mais do que isso; claro que nós sabemos que o pecado entre os homens é apenas resultado da situação real de rebelião da humanidade contra Deus. claro que nós sabemos que o pecado básico é o pecado de rebelião contra Deus, do homem e mulher tentar emular a Deus, afastar de suas vidas e assumir arrogantemente o domínio de suas próprias vidas, individual e coletivamente. Na Igreja sabemos tudo isso. Mas falar ao mundo de “rebelião contra Deus” é falar chinês para o mundo. Começando pelas conseqüências, mais cedo ou mais tarde chegaremos às reais causas do pecado na sociedade e nas pessoas. Um texto do Evangelho pode trazer luz neste contexto:

... se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-se com teu irmão;

e depois virás apresentar a tua oferta (Mt 5.23-24).

Para Jesus, aqui não se trata de dar uma explicação metafísica do pecado. Muito menos, não se trata de um ensino teórico acerca da forma de entregar as nossas ofertas. O que está em jogo aqui é a primária e atual inimizade entre homem e homem, entre mulher e homem, entre mulher e mulher. Àqueles de nós que recebemos uma experiência religiosa, Jesus diz: A raiz das inimizades está na inimizade contra Deus. E àqueles que não têm tido uma experiência religiosa, ou seja, à maioria de nosso povo, o povo de nosso hoje, Jesus diz: o caminho à reconciliação com Deus

[Edição original página 23/24]

passa através da reconciliação com os semelhantes. Disse ainda mais: o trabalho de reconciliação entre os homens é prévio em muitos casos à reconciliação com Deus. Na relação de amor e de justiça entre os homens já há uma certa presença divina operando. Trabalhar pela construção de um mundo de amor já tem conseqüências para o Reino de Deus. Aqui já deixamos apontados algumas conseqüências para nosso testemunho: toda ação em prol da reconciliação entre os homens é um testemunho de Cristo hoje, todo esforço para superar contradições sociais, por contribuir à justiça no relacionamento social, tem a semente de um testemunho por Jesus Cristo.

Gostaria de acrescentar mais um outro aspecto. Falar ao mundo do pecado desse mundo implica pôr nome a esse pecado, implica identificar o pecado na sociedade. Falar de pecado ao mundo de hoje, exige não somente uma tradução

de nosso “dialeto cristão” a termos mais compreensíveis; também exige a eliminação das abstrações que têm integrado nosso falar até o presente. É muito fácil falar do pecado em abstrações e generalidades, mas fazê-lo assim pode revelar uma superficialidade muito grande. Hoje a gente diz: “nós somos todos pecadores, nós somos todos responsáveis pela situação social que nos atinge diariamente”. Ao falarmos assim estamos dizendo uma grande verdade, mas também uma média verdade, evitando ir além destas afirmações não-compreendidas. Nosso testemunho hoje deve ir além dessas afirmações gerais, dessas abstrações e generalidades. Claro que todos somos responsáveis! Claro que cada um participa na situação geral de pecado na sociedade! Só que cada um, cada setor, tem uma responsabilidade diferente. Vejamos o caso (real) de uma empregada doméstica. Ela recebe apenas 50% de um salário-mínimo e desses 50% ela paga INPS – de seu próprio bolso – o equivalente a um salário mínimo completo. A lei diz que as contribuições ao INPS neste caso devem ser pagas em metades: metade pelo empregador e metade pelo empregado. Esta senhora deve fazer todos os pagamentos ao INPS porque sua patroa não o faz – como deveria – e paga à sua empregada só a metade de um salário mínimo. E isto com uma empregada que já trabalha para ela à 17 anos! Este é o caso. Que dizer frente a isto no contexto da afirmação sobre o pecado humano? Evidentemente, aqui há uma situação de pecado. Sem dúvida, nem todos os envolvidos no problema têm a mesma responsabilidade pela situação de pecado. Aqui não podemos falar “em geral” de que to-

dos somos pecadores, de que “todos somos responsáveis”. Do que a empregada é responsável pelo que ela sofre? Ela é responsável por fazer um trabalho, por fazê-lo corretamente e por guardar pagar 8% do seu salário ao

[Edição original página 24/25]

INPS. Ela faz tudo isso e muito mais: na realidade está pagando ao INPS 16% de um hipotético salário mínimo (dado que ela só recebe 50% desse salário). Ela está sendo super-explorada. Quem mais tem responsabilidade aqui? É importante para a gente por nome ao pecado de identificar as responsabilidades. Que responsabilidade tem os patrões pela situação de pecado? Qual é a responsabilidade do Estado pela situação de pecado que temos descrito? Que formas tem a lei de proteger os assalariados em casos como este? Como, por exemplo, evitar que esta mulher seja demitida do seu emprego se ela recorrer à justiça? É evidente que o Estado não tem como proteger uma empregada que protestar ante uma situação de pecado como esta. (Ao final, as relações no mercado de trabalho são “livres”!). onde – novamente – está a responsabilidade de cada um? Qual é a participação de cada um no pecado individual e coletivo na nossa sociedade? Em cada situação de injustiça tudo isto – dentro do possível – tem que ficar claro, do contrário nossa pregação e nossa ação contra o pecado não fariam senão aumentar as injustiças e acumular mais confusão. O pecado tem que ser hoje identificado: é desemprego? É ignorância? É analfabetismo? É poluição? É racismo? É baixo salário? É limitação de liberdades? É ma-

chismo? São os vícios sociais? Hoje o mundo exige dos cristãos uma palavra e uma ação bem claras neste sentido. O nosso mundo não acredita em generalidades, nosso mundo reclama que concretizemos nossas acusações de morar num mundo pecador. Em que somos pecadores? Onde está o pecado? Quais são as responsabilidades de cada um, seja individual ou coletivamente, no pecado da sociedade?

Se o mundo em que vivemos não é como Deus o quer, então quem é o responsável deste caos em que vivemos? Onde está a causa? Como agir para transformá-lo de acordo com a vontade de Deus? (...) A nós, hoje, compete o trabalho de procurar saber quem faz hoje o papel de serpente para que possamos enfrentá-la, esmagando a sua cabeça pelo nosso calcanhar.¹

(c) A Bíblia e o mundo que Deus ama

Ora, a Bíblia diz algo mais: o mundo é o cenário do amor e da ação de Deus. É no mundo onde Cristo age, sofre e liberta os homens e as mulheres. Nosso hoje é o destinatário do amor de Deus em Cristo.

[Edição original página 25/26]

Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3.16).

Existe um hino em castelhano que mais ou menos expressa isto:

No vaivém da cidade, ainda mais forte do que seu barulho; entre o fragor das raças e das classes, ouvimos tua voz, é Salvador. Vem, ó Cristo, com poder, à sofrente humanidade; no teu tempo vi-

veste com amor, por isso eu peço: vem, caminha hoje e mora na minha cidade.

O mundo não é simplesmente o lugar que mete medo à gente, é o lugar onde Cristo está. A rua não é um lugar onde vão roubar a nossa carteira, é o lugar onde o Espírito de Deus reconcilia e sara; a rua não é simplesmente um lugar onde podemos ser atropelados por um motorista bêbado, é o lugar onde Cristo sofre, aguarda, redime; o mundo não é o lugar onde uma bala perdida pode nos atingir, é também o lugar em que Deus, através de seu Espírito Santo impele os homens e se amarem, a se ajudarem, a se unirem; o mundo não é o lugar onde simplesmente alguém nos fará fumar maconha contra a nossa vontade, é também o lugar onde Jesus mora e onde Jesus espera nossa participação e nosso testemunho. Nosso problema hoje é muito sério. Ou damos mais importância ao pecado do mundo e ficamos temerosos nas nossas igrejas, ou damos mais importância ao fato de que devemos ir ao encontro de Cristo morrendo e sofrendo hoje pelos homens e mulheres de nosso tempo. Para o nosso testemunho hoje, aqui apon-tamos outro aspecto: devemos descobrir onde o Espírito de Cristo está hoje atuando na sociedade; devemos encontrar a direção que Deus está dando ao mundo e segui-la.

II – JESUS CRISTO

Quem é Jesus Cristo hoje? Em que Cristo nós temos crido? Que Cristo nos tem transmitido a Igreja? Como havere-

¹ Mesters, Fr. Carlos. *Paraíso terrestre. Saudade ou esperança?* Rio de Janeiro: Vozes, 1979, p.111.

mos de transmitir nosso Cristo às gerações porvir? Não estou muito certo de poder responder todas estas perguntas. Daremos somente uma idéia de complexidade do tema e da necessidade que temos hoje de respondê-las antes de entrarmos na questão do testemunho.

[Edição original página 26/27]

(a) Alguns "Cristãos" brasileiros

Numa coleção de artigos sobre Jesus Cristo publicada em castelhano, há vários de autores brasileiros. A coleção se intitula: "*Jesus. Nem derrotado, nem monarca celestial*".² Dentre essa coleção há um artigo de João Dias de Araújo intitulado: "Representações (imagens) de Jesus Cristo na cultura do povo brasileiro", e é produto de uma pesquisa feita pelo autor, mormente na psicologia do povo brasileiro, nos cantos da chamada literatura de cordel, e em livros, catecismos e hinários de caráter religioso. João de Araújo menciona cinco "Cristos brasileiros" que rapidamente vou enumerar "de cor". Em primeiro lugar, o *Cristo morto*. Exânime, sem vida, abandonado pelos seus amigos, fora deste mundo; em outras palavras, que pode fazer por nós este de Cristo? Em segundo lugar está o *Cristo distante*. O autor simboliza isso com o Cristo do Corcovado lá, longe de nós, acima, fixo, pesado, imóvel. Também este Cristo não representa um serviço ao mundo, exceto à indústria turística. É devido a isso que a cultura popular necessita de tantos intermediários, santos, "orixás",

patrões, que preenchem a distância entre nós e esse Cristo lá acima do mundo. Em terceiro lugar, está o *Cristo sem poder*, um Cristo que para atuar necessita de dezenas de ajudantes porque sozinho não pode fazer muita coisa. A figura que mais se associa a este tipo de Cristo é a de um eterno "menino Jesus". Uma criança tão indefesa, tão fraca, tão sem conhecimento dos nossos problemas, que pode ele fazer por nós? Em quarto lugar, temos no Brasil o *Cristo que não inspira respeito*. Para muita gente no Brasil, Satã, o diabo, alguns santos, inspiram mais respeito do que o próprio Jesus. O senso de obediência que muitas pessoas entregam a seus próprios santos patrões, ou a si mesmos, é muito maior do que a obediência que eles ou elas entregam a Jesus. Finalmente, o professor João Dias de Araújo acha que há um outro Cristo, o *Cristo desencarnado*. Um Cristo tão Deus, que sua humanidade não tem nada a ver com a nossa. Neste Cristo se nota influência do espiritismo, mas também de uma interpretação cristã que não "liga" muito para a humanidade de Jesus, um cristianismo – seja católico ou protestante – que prefere ignorar a humanidade de Jesus com a excusa de destacar a unicidade, a originalidade dessa mesma humanidade e com o propósito – consciente ou inconsciente – de subordinar o Jesus-Homem ao Jesus-Deus.

[Edição original página 27/28]

(b) Aproximações a alguns "Cristos" evangélicos

Não faltaram aquela ou aquele dentre nós que exclamasse, frente a estes "Cristos": "olha, estas imagens de Cristo se

² AAUU. *Jesus: Ei vencido ni monarca celestial*. (Imágenes de Jesus Cristo em América Latina). Tierra Nueva, Bs. S., p. 65-76.

devem à influência católica no povo brasileiro". Eu acredito que nem sequer os irmãos católicos negariam essa afirmação. Só que eu não acredito que esse reconhecimento nos daria tranquilidade como evangélicos. No fundo, nós sabemos que os protestantes não estão livres destes Cristos, que nós os evangélicos na América Latina também temos apresentado em certos períodos, através de certos setores de nossas igrejas, este tipo de deformação nas nossas representações de Cristo. Vejamos um exemplo, dos muitos que poderíamos mostrar.

Lendo o texto de Mateus 4.4 ("Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus") temos ficado muito convictos que a última parte do verso é mais "importante", e temos esquecido as implicações da primeira parte. *Não só de pão vive o homem*, sem dúvida, mas o homem *também* vive de pão. Com uma leitura parcial deste verso temos negado indiretamente incluso, alguns dos milagres de Jesus, como aquele da multiplicação dos pães, fruto da misericórdia e da compaixão do nosso Senhor por multidões famintas. Dando ênfase às palavras *não só* mutilamos a compreensão do que Cristo significa para o homem: não só a oferta do pão eucarístico, espiritual, do alimento imaterial, mas também o direito – em tanto que ser humano – a dispor de uma correta, sadia e suficiente alimentação material. O Presidente da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), um brasileiro, disse para os jornais durante as olimpíadas, que os atletas brasileiros não podiam aspirar a melhores resultados dos que obtiveram. Ele disse porque: um povo com fome não pode aspirar a ter atletas

melhor preparados. Então, será que podemos seguir dando ênfase ao "não só de pão vive o homem" ou temos que afirmar que "nosso" Cristo se preocupa *também* pelo outro pão, o pão que enche os estômagos, que dá alegria de viver, que proporciona o alimento necessário para que homem e mulher, criança e velho, se expressem plenamente nas múltiplas atividades humanas: trabalho, estudo, desportos, lazer, arte, reflexão? 70% das crianças do Nordeste passam fome ou sofrem subalimentação; 31% da população do Estado de São Paulo moram nas mesmas condições. Conseqüentemente, afirmar hoje que o homem não vive só de pão (fundamentando tal afirmação numa interpretação parcial das palavras de Mateus 4) sem qualquer dúvida é uma grave falta de solidariedade com os milhões de irmão que passam fome neste mundo. Não só isso, mas tam-

[Edição original página 28/29]

bém significa uma grave traição ao Cristo dos Evangelhos.

Essa traição é ainda maior porque significa afirmar que Jesus ignorava o Antigo Testamento. Ele repete (em Mt 4.4 e Lc 4.4) palavras de Deuterônimo 8.3, que diz:

Ele te humilhou e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem (sublinhado meus).

Engraçado: muitos evangélicos têm desprezado o pão material a partir de Mateus 4.4; mas o verso que Jesus está lembrando aí mostra a dádiva do maná

(pão) como *prova* de que “não só de pão viverá o homem”. Noutras palavras, não há “superioridade” dum “pão” sobre o outro: ambos se necessitam e pressupõem.

Como eu disse antes: este é apenas uma amostra dum “Cristo” muito popular na exegese e da Educação Cristã evangélica. Nem se fale das barbaridades teológicas que temos escutado e lido sobre aquelas outras palavras de Jesus em Mateus 26.11 (“Porque os pobres sempre os tendes convosco...” ou a presteza com que se ignoram e suavizam as palavras sobre “os tropeços” em Mateus 18 e paralelos.

(c) Jesus Cristo é o Senhor

Vamos assumir o risco de fazer duas afirmações acerca de Jesus Cristo, mesmo reconhecendo que também nós mostraremos um Cristo “incompleto” em alguns aspectos. Não estamos criticando os “Cristos” anteriores por parciais, não. Sempre vamos ficar sujeitos às nossas limitações humanas; nossa apresentação de Cristo nunca vai poder ficar livre de ser incompleta e parcial. O que está na discussão aqui é se esses “Cristos” têm ou não algo a dizer ao nosso povo hoje.

Jesus Cristo é o Senhor. Esta é a nossa primeira afirmação. Esta é uma das verdades que é necessário atualizar em relação aos Cristos que apresentamos na tradição e no presente do Brasil. Porque, mesmo fazendo esta afirmação geral, abrangente, não podemos fugir à ambigüidade própria das afirmações gerais. Nossa grande tarefa na proclamação do Evangelho é evitar as apresentações de Jesus Cristo que mutilem a mensagem evangélica; mas também temos de evitar as apresentações que por serem gerais

demais não falem diretamente ao homem e à mulher hoje. Quando dizemos “Jesus Cristo é o Senhor” estamos frente à imediata necessidade de explicitar o que queremos dizer com essa afirmação.

[Edição original página 29/30]

O senhorio de Cristo pode significar para cada um de nós algo diferente. Em nosso mundo vão ter problemas para compreender do que estamos falando, dado que o mundo também usa vocabulário semelhante. Temos “senhores” em quase todos os níveis da vida em sociedade. Estão os que mandam e os que obedecem, os que fazem as normas e os regulamentos e os que têm que cumpri-los, os que indicam o que deve ser feito e os que devem seguir indicações. Em maior ou menor grau, todos somos senhores de alguém, em maior ou menor grau as formas em que esse “senhorio” é exercido causa inquietude ou produz cordialidade no relacionamento social. Uma sociedade edificada sobre a base de senhores não pode conduzir à justiça que é em Cristo Jesus, não pode conduzir à igualdade que Jesus proclamou no seu tempo. Há algo fundamentalmente errado na nossa forma de vida quando a existência dos que mandam é tão necessária.

Jesus Cristo, nosso Senhor, põe em questão toda e qualquer forma de dispor dos centros de poder à nossa disposição. Os senhores humanos devem cooperar ao avanço dos resultados do senhorio de Cristo, nunca devem ser obstáculos a esse senhorio absoluto que Cristo reclama. O senhorio de Cristo não tem por objetivo usar o homem, não tem por objetivo abusar do seu poder, não tem por objetivo

isolar-se da luta humana: o senhorio de Cristo se exerce sobre a base do amor e do companheirismo divino, persegue a justiça entre os homens, fornece reconciliação entre forças divinas. Esse senhorio de Cristo contribui para que nós possamos analisar e avaliar toda forma de exercício do poder, desde os governantes numa nação até os direitos de uma Sociedade de Jovens. Um uso inumano, anti-pático, da liderança pode muito bem ser julgado por aquelas palavras de Jesus:

Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". (Mc 10.42-45 e paralelos).

(d) Jesus Cristo é o nosso Senhor

Que Jesus Cristo é Senhor significa que, primeiro do que de ninguém, Jesus Cristo é senhor de nossa vida. A condição básica para proclamar este senhorio é haver nós mes-

[Edição original página 30/31]

Mos submetido nossa vontade, nossa vida, nosso destino, as conseqüências de nossas decisões, ao Senhor que proclamamos. "Não deverá ser assim entre vocês"... Qual deve ser o critério para que a mocidade hoje tome decisões sobre a vida, sobre sua vocação, sobre o que fazer na vida? Como "entre os gentios" ou como servos do Senhor Jesus? Qual ãe o alvo procurado na escolha de uma carrei-

ra: a realização do amor de Deus através do serviço que essa carreira proporcionará? Quantos de nós ao escolher uma carreira temos confrontado a situação de maioria dos jovens na América Latina, que não têm condições nem podem progredir na educação, no trabalho, na formação de uma família, no gozo do imprescindível lazer?

(e) Jesus Cristo é jovem

Jesus foi e morreu jovem. Ele não tinha ainda ultrapassado a faixa etária que hoje denominamos dos adultos jovens ou dos jovens adultos. Jesus certamente morreu sem ter aniversariado 34 anos. Foi um jovem. Como jovem aceitou a necessidade de privar-se de muitas alegrias e prazeres da mocidade do seu tempo, para ligar-se em obediência ao destino de todos os homens e mulheres do seu tempo e do nosso tempo, dos seres humanos de todas as gerações. Às novas gerações tempos a responsabilidade de convidá-las a perguntar-se se o destino dos homens em nosso redor tem importância para nós, ou se o destino de todos é secundário ao lado do destino de cada um de nós. Em outras palavras: nosso progresso, nossa salvação, é o primeiro ou é último a respeito do serviço e do amor que devemos aos nossos semelhantes? Desde o ponto de vista dos ensinamentos de Jesus não cabe outra ordem:

Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la (Mt 10.39 e paralelos).

É necessário também associar em Jesus algo que Ele mostrou não só porque era Deus, mas também porque ele era jovem: uma radical insatisfação a respeito de sua vida toda, a respeito dos valo-

res sobre os que a sociedade estava estruturada, a respeito das leis religiosas de seu tempo, a respeito das flagrantes desigualdades que existiam no seu tempo, enfim, a respeito de toda a maneira em que os homens e as mulheres viviam. Essa insatisfação – me pergunto – era próprio do Senhor em tanto quanto Salvador do mundo, ou era também próprio dele em tanto quanto jovem? Provavelmente não é uma pergunta pertinente para fazer a Jesus desde este nosso hoje, mas acho

[Edição original página 31/32]

que pode ser uma pergunta superpertinente para nós mesmos. Nós, estamos insatisfeitos com a forma em que a sociedade nos tem transmitido leis, costumes, normais de vida? Achamos que tudo está OK? Aqueles que – sendo jovens – estão contentes com a sua própria vida, e não experimentam nenhuma classe de insatisfação com a presente ordem de coisas, sem dúvida têm perdido o que é mais precioso e genuíno da faixa etária em que estão vivendo. O Cristo jovem, não produz inquietação em nós? O Cristo jovem, não questiona a totalidade de nossos valores, das formas em que conduzimos nossa vida em sociedade? O Cristo jovem não pode aceitar a existência da pobreza, do desemprego, da ignorância, da violência, da insensibilidade das maiorias perante os problemas da velhice e das crianças em nossos dias, Ele está questionando todo hoje em nossas formas de vida. Isso significa algo para nós? Ou preferimos uma vida agradável, tranqüila, sem mexer nas coisas, seja por cálculo, ou seja, por resignação? Resumindo esta parte: Cristo é o nosso

Senhor e Ele é um Jovem-Senhor-Insatisfeito.

Como foi dito no início, sem darmos conta fomos estabelecendo algumas idéias a respeito do nosso testemunho para hoje no percurso deste trabalho. Sobre este tema do testemunho temos dito muito nas entrelinhas até aqui. Faremos um resumo dessas idéias, muito rapidamente, sem propósito de desenvolver cada uma delas. Se estas reflexões são realmente úteis para nossos leitores, serão eles os que – a partir da prática cotidiana testarão a validade dos prontos que aqui só serão apresentados esquematicamente.

Até aqui temos falado pelo menos de duas grandes áreas de reflexão no tema do testemunho. Temos falado do que o testemunho é e de como implementar o testemunho; ou seja, temos atacado aspectos teológicos gerais, aspectos que poderiam ser considerados teóricos, e temos falado de aspectos práticos, de aspectos próprios de como realizar o testemunho de Jesus Cristo hoje.

III – TESTEMUNHO

(a) Que é nosso testemunho hoje?

1. É a proclamação (em palavras e gestos) do Evangelho do Senhorio de Cristo. Por isso falamos que testemu-

[Edição original página 32/33]

nho é oferta (algo que normalmente se faz com palavras) mas também é mostrar Cristo ao mundo (algo para o qual a ação é imprescindível).

2. É o caminho através do qual Cristo chega a ser reconhecido pela sociedade

como o Senhor. Esse reconhecimento se baseia numa vinculação direta de Cristo como homem e com a mulher de hoje. O testemunho é nada mais nada menos do que um caminho para que esse encontro de Cristo com a comunidade seja feito nas melhores condições possíveis. Nesta mesma linha, afirmamos que testemunho é o vínculo que liga Cristo com o nosso hoje.

3. É ação pela paz e pela reconciliação. Toda genuína ação nesta dupla direção é de fato uma contribuição ao processo de humanização que Cristo hoje desenvolve veladamente no mundo. Por isso foi dito que os cristãos que procuram praticar um testemunho eficaz hoje têm de partir da ação de Cristo no seio das entidades humanas. O segredo de um testemunho autêntico está em descobrir onde Cristo hoje está atuando na sociedade brasileira.

(b) Como tem que ser implementado nosso testemunho hoje?

1. Temos que evitar as abstrações e as generalidades. Nosso sim deve ser sim e o nosso não, não.

2. Temos que sair das paredes de nossos santuários e da proteção de nossas residências. A única via para convidar o povo a vir à nossa Igreja é ser presença e serviço no meio do povo, onde a vida tem lugar. O povo não será atraído pela segurança de nossos templos, não virá ao templo em procura de refúgio para seus problemas, mas será atraído por um Cristo que é capaz de produzir vidas cristãs ativas e presentes na solidariedade e no amor, trabalho pela paz e a justiça.

3. Temos de tomar em consideração o meio ambiente em que o próximo está. Temos de defender a unicidade, as peculiaridades próprias de cada situação. Nosso testemunho no ambiente universitário não pode ser idêntico ao nosso testemunho no meio operário, para por um exemplo. Um esforço de proclamação do Evangelho num campo missionário não pode ser idêntico ao que fazemos com o mesmo propósito num lugar onde há uma igreja estabelecida.

4. Temos que planejar o testemunho. Tomando em conta a tradição evangélica possivelmente isto seja o que sido considerado de menor importância até hoje. Poderíamos dar muitos exemplos de por que o testemunho coletivo de uma congregação, de uma sociedade de jovens, deve ser planejado. A falta de planejamento, a falta de uma estratégia que controle e avalie o testemunho coletivo afeta

[Edição original página 33/34]

negativamente a qualidade do testemunho. A apresentação de nosso testemunho de Jesus Cristo ao mundo traz como consequência o crescimento numérico tanto quanto espiritual dos grupos, das congregações. A ausência de planejamento significa pelo menos duas coisas: significa que nós não acreditamos na executividade de nossos esforços de testemunho, ou significa que nós não valorizamos os irmãos e as irmãs novos que Cristo proporcionará a nossos grupos como consequência desse testemunho. A Igreja tem que ser preparada para receber no seu seio o novo povo, ela não deve simplesmente assimilar os novos

membros como se assimila uma comida; a Igreja fundamentalmente tem que estar preparada a mudar e a modificar tudo quanto necessário para fazer a vida dos novos amigos no corpo de Cristo mais plena e agradável.

[Edição original página 34/35]